

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

POEMAS  
ESCOLHIDOS

*edição*

Fernando Cabral Martins

Luis Manuel Gaspar

Mariana Pinto dos Santos

Sara Afonso Ferreira

ASSÍRIO & ALVIM

## INTRODUÇÃO

No ensaio *Prefácio ao Livro de Qualquer Poeta*, publicado na revista *Atlântico* em 1942, escreve Almada: «A Realidade somos nós. Nem mais nem menos. Basta de Realidade que se meta pelos olhos dentro! Agora é a vez de Ela ficar espantada connosco Poetas!» Esta mesma ideia ilumina a energia de transformação que caracteriza toda a sua actividade artística desde os prodigiosos anos 10, marcados pelas revistas *Orpheu* e *Portugal Futurista*.

Talvez nesse momento inicial a poesia seja a arte mais visível de Almada Negreiros, carregada de energia vanguardista, e de que o melhor dos exemplos é a longa explosão iconoclasta da *Cena do Ódio*, que a inviabilidade material da publicação do *Orpheu* 3, em que se incluiria, não deixou que fosse lida no seu tempo próprio.

A relação que em Almada a poesia estabelece com a voz, a imaginação e o corpo é o seu modo de ser de Vanguarda: ele não quer seguir uma corrente artística europeia, mas antes dinamitar todas as correntes poéticas e todos os sistemas artísticos. Embora partindo do Futurismo, os poemas que começam na *Cena do Ódio* e se sucedem até à *Histoire du Portugal par Cœur*, em que outro modo estético se inaugura, parecem destruir à sua passagem todos os sentidos previsíveis, e procedem ao trabalho de demolição do «ambiente natural» dos revolucionários encartados, artistas do Simbolismo mais ou menos decadente e burgueses em geral,



Shirley

## RONDEL DO ALENTEJO

Em minarete  
mate  
bate  
leve  
verde neve  
minuete  
de luar.

Meia-Noite  
do Segredo  
no penedo  
duma noite  
de luar.

Olhos caros  
de Morgada  
enfeitada  
com preparos  
de luar.

Rompem fogo  
pandeiretas  
morenitas,  
bailam tetas  
e bonitas,

bailam chitas  
e jaquetas,  
são as fitas  
desafogo  
de luar.

Voa o xaile  
andorinha  
pelo baile,  
e a vida  
doentinha  
e a ermida  
ao luar.

Laçarote  
escarlate  
de cocote  
alegria  
de Maria  
la-ri-rate  
em folia  
de luar.

Giram pés  
giram passos,  
girassóis  
e os bonnets,  
e os braços  
destes dois

## ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| <i>Introdução</i> .....   | 7  |
| Rondel do Alentejo.....   | 13 |
| Frisos.....   | 18 |
| Ciúmes .....  | 18 |
| O Eco .....   | 19 |
| Sèvres Partido.....   | 19 |
| Mima Fataxa.....  | 20 |
| A Sombra.....   | 22 |
| A Sesta .....   | 23 |
| Canção da Saudade .....   | 23 |
| Ruínas.....   | 24 |
| Primavera.....  | 25 |
| Trevas .....  | 27 |
| Canção .....  | 28 |
| A Taça de Chá .....   | 29 |
| A Cena do Ódio .....  | 30 |
| Litoral .....   | 57 |
| Mima-Fataxa — Sinfonia Cosmopolita e Apologia<br>do Triângulo Feminino..... | 62 |
| [Árvore] .....  | 72 |
| Histoire du Portugal par Cœur .....   | 73 |
| O Menino d’Olhos de Gigante .....   | 84 |
| A Noite Rimada .....  | 84 |
| O Menino d’Olhos de Gigante .....   | 91 |

|   |     |
|---|-----|
| A Sombra Sou Eu .....                                     | 100 |
| As Quatro Manhãs.....                                     | 101 |
| Primeira Manhã .....                                      | 101 |
| Segunda Manhã .....                                       | 104 |
| Terceira Manhã .....                                      | 111 |
| Quarta Manhã.....   | 114 |
| Ode a Fernando Pessoa.....                                | 117 |
| Aconteceu-Me .....  | 119 |
| Férias.....   | 121 |
| Momento de Poesia .....                                   | 122 |
| [A flor tem linguagem de que a sua semente não fala]..... | 123 |
| Rosa dos Ventos.....                                      | 124 |
| De 1 a 65 .....   | 128 |
| <i>Cronologia</i> .....                                   | 129 |
| <i>Notas</i> .....  | 135 |